

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR CONTRA A MULHER



Olá, professora!

Olá, professor!

É um prazer ter a sua companhia no projeto **Fique bem! Cuidando das emoções e da saúde na escola.**

Pensando em você, nas suas emoções, no seu dia a dia, preparamos uma série de vídeos e textos. Este material foi planejado de forma muito cuidadosa, visando sempre contribuir para o seu bem-estar.

Sabemos que professores são profissionais que pensam constantemente nos seus alunos, sejam crianças, adolescentes, jovens ou adultos. Por isso, preparamos vídeos que podem ser levados para a sala de aula. Cada um deles possui um texto de apoio, como este aqui, com um aprofundamento do tema e propostas de atividades, todas de fácil implementação. Os materiais são gratuitos e serão disponibilizados novos vídeos e textos a cada semana em nosso site (www.fiquebem.org.br).

Como dizia Paulo Freire: "Não se pode falar de educação sem amor". Por isso, desejamos que seu coração esteja abastecido de amor e cuidado. Saiba que você é muito importante, pois ensinar é algo essencial para o mundo!

Tchau e Fique bem!

Autores: Juliana Gioia Negrão, Elisa H. Kozasa, Flávia Pereira Lima, Joycelaine Oliveira e Eduardo Pacífico

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste texto poderá ser reproduzido, sejam quais forem os meios empregados, sem a permissão, por escrito, do autor da obra.

Esse conteúdo é gratuito, sendo proibido a comercialização.

Aos infratores aplicam-se as sanções previstas nos artigos 102, 103, 104, 105, 106, 107 da Lei n. 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

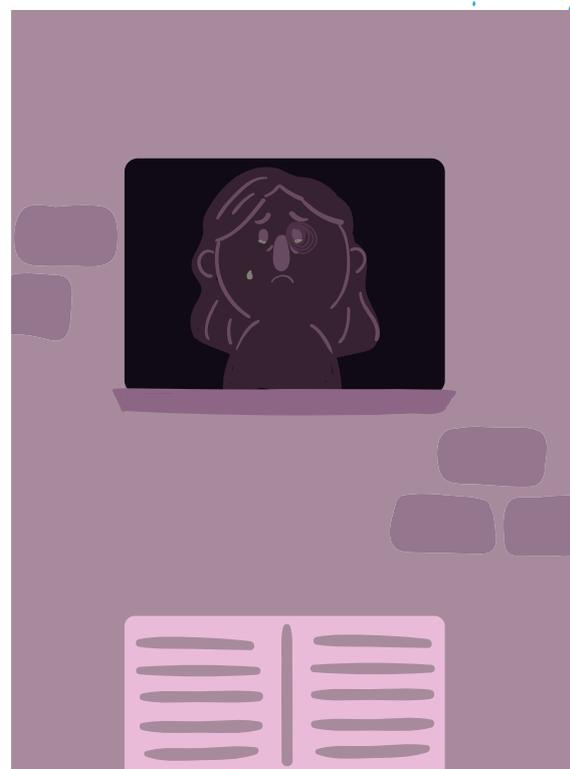
Para informações sobre nossos conteúdos, entrem em contato pelo e-mail fiquebem@gaiamais.org



1. Uma conversa importante e necessária

A violência doméstica e familiar contra a mulher é um assunto que precisamos falar, é histórico e existe em diversos lugares do mundo. Por mais desconfortável que seja, precisamos conversar sobre ela na escola, no trabalho, com a nossa família e com a nossa rede de amigos. É através do diálogo e da informação que conseguimos identificar as raízes do problema e as possíveis causas dessa violência que acomete tantas mulheres e meninas. Quando conseguimos identificar as origens dessa violência podemos pensar em formas e maneiras de combatê-la.

Vamos dialogar um pouco com você a respeito desse tema que é tão delicado e importante. Iremos conversar sobre o que é violência doméstica, quais são os tipos de violência e como buscar ajuda.



2 Violência contra a mulher e desigualdade de gênero

Em diversos lugares do mundo, mulheres de todas as idades, graus de instrução, classes sociais, raças e orientação sexual são vítimas de violência doméstica. Uma violência que é consequência das desigualdades de poderes existentes entre homens e mulheres acumuladas ao longo da história. A violência que afeta mulheres e meninas é um problema que sempre existiu, mas vem crescendo com a pandemia de COVID-19. O assunto virou notícia nos principais jornais do mundo.



O isolamento social que se faz tão necessário nesse momento no combate a pandemia de COVID-19 trouxe diferentes desafios para as mulheres de um modo geral. Mas ele trouxe desafios específicos para as mulheres que enfrentam violência doméstica. Ao estarem em casa por mais tempo, elas ficam mais suscetíveis aos seus agressores e com menor possibilidade de pedir ajuda. A pandemia também alterou a rotina de muitos homens que perderam os seus empregos e estão mais tempo dentro de casa, o que contribui para aumentar ainda mais a violência que em situações normais já ocorria.



É preciso entender que é a desigualdade de gênero que sustenta a violência doméstica. Essa desigualdade advém de um mundo que sempre colocou os homens no centro da história. Mas como isso acontece ainda nos dias atuais? Se fizermos uma breve pesquisa iremos descobrir que muitas mulheres incríveis e corajosas do passado arriscaram a própria vida para que as mulheres do presente pudessem ter uma vida mais livre, como trabalhar fora de casa e ocupar lugares que antes eram predominantemente masculinos. Foram muitos os avanços e conquistas do universo feminino, por isso mulheres hoje ocupam os mais diferentes espaços no mundo da economia, da política, da arte, da ciência.... Mas infelizmente esses avanços e conquistas não conseguiram mudar completamente a estrutura social que ainda imprime os discursos originais do passado de que esse mundo "pertence" mais aos homens que as mulheres.

Podemos compreender isso em um único exemplo: nesse momento muitas mulheres estão sobrecarregadas emocionalmente e fisicamente por não haver uma divisão justa dos cuidados da casa, das crianças e dos idosos. Isso acontece porque esse espaço da casa e suas obrigações por muitos anos foi "imposto" às mulheres.



Mas o que podemos fazer para combater a desigualdade de gênero?

- Precisamos conversar sobre isso com as meninas, empoderá-las, para que possam crescer livres e conscientes de que ninguém deverá diminuí-las; para que conheçam os seus direitos; e para que possam ocupar profissionalmente os espaços que quiserem.
- É importante dialogar com os meninos a respeito de igualdade de gêneros para que eles possam entender qual o lugar das meninas e das mulheres neste mundo; que mulheres e homens são livres para ocupar os lugares que quiserem com igualdade social, política e econômica. Nós podemos ajudá-los a compreender isso com exemplos simples, mostrando a eles que existem mulheres que são jogadoras de futebol, que existem homens que são chefes de cozinha e aqueles que dançam balé (ocupações historicamente associadas às mulheres).
- Precisamos conversar com as mulheres de uma forma geral, nossas mães, filhas, amigas, irmãs, sobre igualdade de gêneros, sobre liberdade feminina, sobre conquistas de direitos. É preciso ainda criar redes solidárias de escuta e de diálogo entre nós mulheres para que possamos nos ajudar nas mais diversas situações.
- A igualdade de gêneros é um assunto que precisa estar em muitos espaços: em volta da mesa nas refeições com a família, nas conversas com amigas e amigos, na escola, no trabalho.



Entendendo os tipos de violência

É importante não esquecer que existe uma lei brasileira que pune atos de violência doméstica e familiar, a Lei nº 11.440/06, mais conhecida como Lei Maria da Penha. Uma lei que leva o nome de uma mulher que lutou por muitos anos na justiça para que o seu agressor, que no caso era o seu marido, fosse punido. Segundo essa lei "configura violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial". Portanto, agressão nem sempre está associada unicamente ao abuso físico. A própria Lei Maria da Penha nomeia as violências para que as mulheres possam conhecê-las e se protegerem.



- A **violência física** é a que fere, machuca, lesiona o corpo. Um exemplo disso é ser empurrada, segurada pelo braço de forma agressiva, beliscada, espancada.
- A **violência psicológica** é aquela que causa danos emocionais, como: diminuir a autoestima da mulher impedindo-a de crescer com ameaças, humilhação, insultos.
- A **violência moral** significa caluniar ou cometer injúria a fim de prejudicar sua reputação: expor a vida íntima, fazer juízo moral, fazer críticas mentirosas, desvalorizar pelo modo de vestir.
- A **violência patrimonial** é inferir diretamente em bens, direitos e/ou recursos econômicos que satisfaçam as necessidades da mulher: controlar dinheiro, deixar de pagar pensão, furtar.
- A **violência sexual** significa forçar a presenciar, manter ou participar de relações sexuais dentro ou fora de um relacionamento, como por exemplo: assediar, estuprar, impedir de usar métodos contraceptivos, forçar a abortar.

Normalmente, o ciclo de abuso possui padrões semelhantes: a construção da tensão, que é o processo onde se inicia o conflito. O abusador mostra-se irritado por coisas insignificantes e a vítima pode atuar no sentido de tentar acalmá-lo ou provocá-lo. Depois disso, o agressor tende a explodir e a vítima sofre agressões como as que citamos logo acima. Posteriormente acontece um período de calma em que o abusador muitas vezes se arrepende e pede desculpas, dizendo que isso não irá se repetir.

Os relacionamentos nos proporcionam muitos tipos de emoções e, por isso, algumas mulheres podem conviver em relacionamentos abusivos sem nem mesmo se dar conta. Isso não é vergonha para ninguém, mas uma vida livre deste tipo de violência será melhor para qualquer mulher.

Como pedir ajuda?

Nenhuma mulher deve sofrer sozinha. É importante que mulheres que sofrem violência doméstica mantenham uma rede de apoio, que conversem com as amigas, desabafem, se apoiem em outras mulheres.

Nas redes sociais há grupos de mulheres que se encontram para falar de diversos assuntos como autoestima e relacionamentos abusivos. São mulheres que ajudam outras mulheres por meio das suas histórias de vida, das suas experiências.

É possível encontrar ajuda na secretaria de assistência social das cidades. O Centro de Referência de Atendimento à Mulher (CRM) também é um local de apoio nas cidades onde existe. Ele é um espaço destinado a prestar um atendimento humanizado às mulheres em situação de violência. E nunca é demais repetir: qualquer mulher que sofre violência doméstica deve ser protegida pela lei.

Denuncie através
dos números:

Central de Atendimento à Mulher

Ligue 180

Disque Direitos Humanos

100

Polícia Militar

190

Polícia Civil

197

3. Com meus alunos

Você pode ajudar os seus alunos e alunas a construir um mundo melhor para se viver, em que mulheres e homens, meninas e meninos possam atuar nele de forma livre e igualitária. Esse é o nosso papel como professoras e professores, ajudar os nossos alunos a ler a realidade e transformá-la.

Um excelente caminho é dialogar com eles sobre essas questões, e isso vale tanto para os pequeninos como para os maiores.

Leve para a sua sala de aula histórias de mulheres importantes que com suas ações mudaram realidades. Elas são muitas e dos mais diferentes cantos do mundo. Malala é uma delas, uma jovem paquistanesa que ainda adolescente lutou para que meninas de seu país pudessem ter o direito de ir à escola.

Vale à pena conferir no link a seguir a adaptação do livro "Malala a menina que queria ir para a escola" de Adriana Carranca. Essa história está disponível na página do projeto "Leia para uma criança". É uma biografia que traz reflexões importantes e pode ser trabalhada com estudantes de todas as idades.

<https://www.euleioparaumacrianca.com.br/historias/malala-a-menina-que-queria-ir-para-a-escola/>



Outra história que vale à pena ser contada é a da jogadora de futebol Marta Vieira da Silva. Ela é brasileira e sofreu muitos preconceitos por ser uma menina que queria jogar futebol profissionalmente. Esse é um assunto que poderá dar um bom debate a respeito das profissões que as mulheres podem exercer. A Marta, assim com outras jogadoras, é um exemplo de que mulheres podem sim jogar futebol.

<https://www.youtube.com/watch?v=Yt8VIIElgYM>



4. Para saber mais

Sobre violência doméstica e familiar:

Lei Maria da Penha

<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/496319/000925795.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

Instituto Maria da Penha

<https://www.institutomariadapenha.org.br/>

ONU Mulheres

<http://www.onumulheres.org.br/>

Vamos conversar? Cartilha de enfrentamento da violência doméstica e familiar contra as mulheres

http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/CARTILHA_DF.pdf

Histórias sobre mulheres extraordinárias que mudaram o mundo

Livro

Histórias de ninar para garotas rebeldes - volume 1. Autoras Elena Favilli e Francesca Cavallo. Editora V&R.

Histórias de ninar para garotas rebeldes - volume 2. Autoras Elena Favilli e Francesca Cavallo. Editora V&R.

Podcast

Histórias Histórias de ninar para garotas rebeldes. Rede B9 de Podcasts.

<https://www.b9.com.br/shows/garotasrebeldes/>

Este é um conteúdo original do projeto **Fique Bem! Cuidando das emoções e da saúde na escola** disponível gratuitamente no site www.fiquebem.org.br

fiquebem 

Cuidando das emoções e da saúde na escola

Patrocínio:



Realização:

Cocriação e Produção de conteúdo:

Produção audiovisual:

Plataforma educacional:

